

BNP/E3, 19 - 30*

Transcrição

89-30
67
VII, 10

Que essa arte não é feita para o povo? Naturalmente que o não é - nem ella nem nenhuma arte verdadeira. Toda a arte que fica é feita para as aristocracias, para os escoes, que é o que fica na historia das sociedades, porque o povo passa, e o seu mister é passar.

A nossa arte é supremamente aristocratica, ainda, porque uma arte aristocratica se torna necessaria neste outomno da civilização europea, em que a democracia avança a tal ponto que, para de qualquer maneira reagir, nos incumbe, a nós artista, pormos entre a élite e o povo aquella barreira que elle, o povo, nunca poderá transpor - a barreira do requinte e da ideação transcendental, da sensação apurada até á subtiliza, do *carier to the general* das nossas pessoas do vulgo /anormaes\.

A nossa civilização corre risco de ficar submersa como a Grecia (Athenas) sob a extensão da democracia, de cahir inteiramente nas mãos dos escravos, ou então de ficar como Roma, não nas mãos de imperadores filhos do acaso e da decadencia, mas de grupos financeiros sem patria, sem lar na intelligencia, sem escrúpulos intellectuaes e sem causa em Deus. O unico antidoto para isto é uma lenta aristocratização. E pela arte que, supremamente, essa aristocratização pode ser feita.

Raiava, já antes da guerra, no horizonte o triste signal da plebeização das élites. Bailados, espectaculos, e outros desvios semelhantes da arte superior, iam tomando vulto. É preciso reagir contra esta corrente.

Depois da guerra, é de crer que augmente o espirito patriótico. Nada mais ignobil. Reporto-me ás palavras sublimes de Goethe quando fallou de quão pouco o sentimento patriótico sobe até ás paragens de ar puro e raro onde vivem os Superiores. Permitta-me que lhe recorde aquelle passo das conversações com Eckermann em que o Mestre de Weimar registou essa idéa.

Que essa arte não é feita para o povo? Naturalmente que o não é - nem ella nem nenhuma arte verdadeira. Toda a arte que fica é feita para as aristocracias, para os escoes, que é o que fica na historia das sociedades, porque o povo passa, e o seu mister é passar.

A nossa arte é supremamente aristocratica, ainda, porque uma arte aristocratica se torna necessaria neste outomno da civilização europea, em que a democracia avança a tal ponto que, para de qualquer maneira reagir, nos incumbe, a nós artistas, pormos entre a élite e o povo aquella barreira que elle, o povo, nunca poderá transpor - a barreira do requinte emotivo, e da ideação transcendental, da sensação apurada até á subtiliza, do *carier to the general* das nossas pessoas do vulgo /anormaes\.

A nossa civilização corre o risco de ficar submersa como a Grecia / (Athenas) \ sob a extensão da democracia, de cahir inteiramente nas mãos dos escravos, ou então de ficar como Roma, não nas mãos de imperadores filhos do acaso e da decadencia, mas de grupos financeiros sem patria, sem lar na intelligencia, sem escrúpulos intellectuaes e sem causa em Deus. O unico antidoto para isto é uma lenta aristocratização. É pela arte que, supremamente, essa aristocratização pode ser feita.

Raiava, já antes da guerra, no horizonte o triste signal da plebeização das élites. Bailados, espectaculos, e outros desvios semelhantes da arte superior, iam tomando vulto. É preciso reagir contra esta corrente.

Depois da guerra, é de crer que augmente o espirito patriótico. Nada mais ignobil. Reporto-me ás palavras sublimes de Goethe quando fallou de quão pouco o sentimento patriótico sobe até ás paragens de ar puro e raro onde vivem os Superiores. Permitta-me que lhe recorde aquelle passo das conversações com Eckermann em que o Mestre de Weimar registou essa idéa.

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).